

# FRAGMENTOS DOS DIÁRIOS ESCRITO E FOTOGRÁFICO DE CARDOSO DE OLIVEIRA NA REGIÃO DOS TICUNA DO RIO ALTO SOLIMÕES

João Martinho de Mendonça

## Introdução

*“(...) E nem sequer podemos confiar em nossa visão de desterrados: a própria vontade de partir tem seus motivos pessoais, que podem alterar o testemunho. Esses motivos também precisarão ser ditos, se quisermos justamente ser verdadeiros; não porque a etnologia seja literatura, mas porque, pelo contrário, ela só deixa de ser incerta se o homem que fala do homem não traz por sua vez uma máscara. (...)”*

*M. Merleau- Ponty, in Signes, Paris, Gallimard, 1960 <sup>1</sup>*

O presente trabalho é uma parte de minha dissertação de mestrado, defendida no departamento de Múltiplos Meios do Instituto de Artes da Unicamp, sob a orientação do professor Etienne Ghislain Samain. Esta dissertação procurou revelar a importância histórica e antropológica do acervo fotográfico de Roberto Cardoso de Oliveira, etnólogo que iniciou suas pesquisas etnográficas nos anos cinquenta com os índios Terena do Mato Grosso e com os índios Ticuna do Rio Alto Solimões, passando posteriormente a se dedicar à vida acadêmica como professor, sendo hoje amplamente reconhecido por sua produção intelectual no campo da hermenêutica. Ao longo de sua trajetória ele constituiu uma rica coleção imagética, doada em fins dos anos oitenta ao Arquivo Edgard Leuenroth (AEL), localizado na Unicamp. Nosso interesse por suas imagens fotográficas propiciou a abertura de um diálogo, aqui disponibilizado na íntegra, mostrando as reflexões partilhadas com ele sobre os temas tratados na dissertação. Além da entrevista ([disponível para download](#)), apresentamos agora um exercício de rememoração acerca da expedição de 1959, reunindo fotografias e trechos de seus diários de campo entre os Ticuna.

---

<sup>1</sup> Tradução de Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira: *Signes*, São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1991, p. 130.

## Diário da expedição de 1959: Texto e imagem



Apresento a seguir algumas passagens escritas por Cardoso de Oliveira sobre a ocasião e os resultados de sua pesquisa na região do Rio Alto Solimões, cuja área está assinalada no mapa.

Tanto os textos dos diários como as fotografias estão datados e são apresentados obedecendo a seqüência original. As fotografias eventualmente relacionadas a passagens dos diários estarão próximas ao referido texto em miniatura clicável. Para ler a legenda relativa à imagem e vê-la ampliada basta clicar sobre ela.

Vale lembrar, enfim, que este exercício é experimental e seu objetivo é sugerir outra eventual maneira de reutilizar as fotografias do acervo. Assim, as identificações, quanto às datas das fotografias e quanto aos seus temas, não são exatas e servirão apenas para situar melhor as imagens vistas. Um etnógrafo especializado nos Ticuna (ou o próprio autor das imagens), por exemplo, certamente enriqueceria em muito o material apresentado, mas isto seria outro trabalho. Basta, por ora, mostrar imagens e texto de forma a tornar possível o questionamento dos papéis recíprocos de ambos na pesquisa e na reflexão.

## Fragmentos dos diários escritos e do diário fotográfico

*“Decidi-me pelos Ticuna por duas razões básicas. A primeira é que eles se encontravam numa área de fronteira e eu acreditava que isso tornariam ainda mais complexas as relações entre índios e brancos, que estariam marcadas não apenas pela etnicidade, mas também pela nacionalidade. A segunda razão bastante forte era que se tratava de um grupo indígena razoavelmente conhecido, especialmente devido à monografia de Curt Nimuendaju, texto que certamente iria ser da maior utilidade para a realização de uma pesquisa de campo de tempo curto, pois a verba disponível pouco dava para dois meses de campo.”*

*“Ticuna/ 1959. Excertos de um diário de campo” Op. cit. (1998).*

*“Examinemos os índios de igarapé. Acham-se eles congregados, em sua maioria, nos igarapés Belém, Tacana e São Jerônimo, que deságuam na margem esquerda do Solimões, entre Benjamim Constant e São Paulo de Olivença. Nesses rios todos os Ticuna estão engajados no trabalho de extração do látex para três grandes proprietários da região. Dois deles (o do Belém e o do São Jerônimo) residem na sede de suas respectivas empresas, na boca dos igarapés; o terceiro, residente na cidade de Manaus, conta com um empregado para administrar seus interesses no Tacana. Os três igarapés têm suas cabeceiras em território colombiano, o que dá para os Ticuna neles residentes uma oportunidade de escaparem do controle das empresas, quando isso se faz necessário, seja para vender melhor os seus produtos, seja para fugirem aos maltratos recebidos dos empregados do Seringal. Toda produção indígena, por sua vez, é canalizada quase compulsoriamente para o barracão, e as relações de trabalho engendradas por esse sistema assumem as mais variadas formas, todas, entretanto, marcadas por um conflito potencial. A falta de autonomia dos Ticuna dos seringais dá-lhes um status de “nação ocupada” – se nos é lícito usar o paradigma.”*

*O índio e o mundo dos brancos, Op. cit. (1996), p. 75.*

*“Não há talvez situação interétnica mais propícia para a plena fomentação de preconceito “racial” do que a encontrada no Alto Solimões; e os casos demonstrativos dessa asserção poderiam ser enumerados ad nauseam .”*

*Ibid. (1996), p. 156.*

### 19-04-1959

Abre-se o diário escrevendo a bordo do barco “caldeirão” de motor penta 10/ 12 Hp, de propriedade do Senhor Antônio Roberto Aires de Almeida, seringalista e senhor dos igarapés Belém e Tacana, este apenas arrendado, e

de outras terras. Seus filhos Arteiete Aires de Almeida e José Roberto Aires de Almeida dirigem o barco que gentilmente nos ofereceram para a viagem de pesquisa etnológica nos igarapés de propriedade de seu pai.

Somos três, Doutor Ivan Lowie, lingüista do Summer Institute of Linguistics, que se ofereceu a nos acompanhar para estudar o idioma Tukuna, o jornalista fotógrafo Maurício Vinhas de Queirós, meu amigo e companheiro no grupo de estudos sobre o pensamento de Marx, grupo, aliás, que vem se reunindo em sua casa quinzenalmente, e eu, que estou passando da etnografia dos Terêna para a dos Tukuna, inspirado em Curt Nimuendaju, morto há cerca de quinze anos nesta região em circunstâncias misteriosas.

Ontem, fizemos a estréia do “Caldeirão” ao conduzir a equipe do Museu Nacional, deixamos o Ivan no Posto Indígena Ticuna, cujo encarregado, Senhor Lobo, parecia nos esperar embora tivesse alegado não haver recebido nenhum telegrama do Senhor Teobaldo, chefe da “IR1” em Manaus. Naquela época era a Inspeção Regional número 1. E pude sentir melhor, em contato com ele, o ranço amargo do SPI, a má vontade, a ineficiência e o medo. Principalmente o medo marcando o caráter de seus funcionários de norte a sul do país.

Enfim, eu e o Maurício deixamos o Ivan, torcendo para que ele se desse bem no ambiente do posto e com os Tukuna de Mariaassu ou Umariassú, como é chamada a povoação indígena.

A área total parece ter três mil metros de frente, às margens do rio, comprada no tempo do Jacobina, quando o antigo posto se encontrava em Tabatinga. Parece que o exército teria pedido a saída do posto. Verificarei isso no Rio de Janeiro com o próprio Jacobina. (...)

Estamos chegando a Palmares, sede da propriedade de Dom Antônio Roberto Aires de Almeida. Começam suas terras a partir de um lugar chamado Vera Cruz na margem direita do Solimões e Tauarú, situado na margem esquerda. (...) Passamos pelo Paraná do Guariba e vamos voltear a ilha do mesmo nome para alcançarmos o “barracão”. Do lado esquerdo do Solimões passamos pela embocadura do igarapé Tacana, que no mapa do Curt Nimuendaju está registrado como fundo do Tacana. Entre a foz e o Solimões

ainda existe uma ilha nova e baixa denominada “tabuleiro das tartarugas”. Disseram-nos que no último verão foram colhidas nesta ilha mais de vinte tartarugas.

À nossa frente, entre o Paraná do Guariba e o Solimões, vemos a ilha de Belém onde Dom Antônio tem umas duzentas cabeças de gado. Continuando em frente, ultrapassando a ilha, vemos a propriedade Belém, remanescente da antiga povoação de mesmo nome, localizada bem na foz do igarapé Caldeirão.

Contam os irmãos Almeida que essa povoação chegou a ter até uma fábrica de botões, feitos naturalmente com os ossos do gado da ilha de Belém. Nessa ilha por onde estávamos passando agora vemos uma habitação, nela vive um vaqueiro, um negro maranhense casado com uma Tukuna. A primeira visão de um matrimônio interétnico.(...)

## **20-04-1959**

Chegamos em Palmares ontem às 17 horas. Pode-se dizer que foi o lugar onde fomos melhor recebidos. Não se cansam de nos acumular de gentilezas. Bem, apesar dos carapanãs, vou tentar descrever sumariamente o lugar.

Em destaque está a casa residencial aparentemente bastante grande. Mas a distribuição do espaço interior é bem diferente do padrão de moradia citadina ou mesmo rural da região sul do país. E, melhor do que palavras, farão as fotos que pedirei ao Maurício Vinhas para tirar.

Com exceção do “barracão”, todas as demais construções são feitas sobre palafitas, apesar do terreno ser bastante alto ainda que muito úmido. Ficamos hospedados numa casa afastada quarenta metros, onde armamos nossas redes e mosquiteiros, fugindo dos carapanãs que em ondas nos envolviam, provenientes provavelmente do gado que pastava ao redor.

O velho Dom Antônio, aos seus sessenta e nove anos, é uma pessoa ainda vigorosa para um homem criado na Amazônia. Manifestou sua desaprovação pela existência do posto indígena Tukuna num lugar, para ele,

errado por estar junto da fronteira e da cidade de Benjamim Constant, servindo, em sua opinião manifestada acicamente, para refúgio de assassinos e desajustados. Acusa ainda o encarregado do posto de servir como intermediário dos colombianos junto aos índios, encaminhando-os para trabalhar nos seringais da Colômbia. O que, imagino, seja essa a mais séria razão de sua acusação, uma vez que se trata de mão de obra que sai de suas terras. Por outro lado, ele afirma, havia penetração de colombianos em sua propriedade através do Tacana e do Caldeirão, que chegam até a fronteira.

A propriedade foi comprada em 1923, e já naquela época nela trabalhavam nordestinos ou “cabeças chatas” como ele diz depreciativamente. Quanto aos índios, afirma trabalharem menos, porém têm outras utilidades como o artesanato, a produção de farinha, a caça, a pesca, além de trabalharem na seringa e na sorva (...).

A propósito da situação de fronteira em que os Tukuna estão inseridos, deve-se registrar que não só eles são atraídos para o lado peruano e colombiano, notadamente para este último, como também os neo-brasileiros (este conceito de neo-brasileiro tão usado por Nimuendaju, para ele brasileiros mesmo só podiam ser os índios então, todos que não eram índios para o Curt, eram neo-brasileiros) nordestinos, trãnsfugas do antigo exército da borracha, ao tempo da Segunda Grande Guerra, são mão-de-obra barata para os patrões colombianos, que os chamam de “arigó” ou “cabeça chata” e os discriminam abertamente.

Constituem mão de obra barata para a extração da sorva e é voz corrente que Letícia, o lugar mais urbanizado da região de fronteira, foi construída com dinheiro colombiano e braço do brasileiro. Isso era o que se falava. O certo é que a inflação brasileira põe o Peso colombiano e o Soles peruano quase sempre para cima, atraindo índios e não índios para além-fronteira, oscilando a atração conforme a oscilação do câmbio.

Essa é uma questão que não deixa de preocupar a Dom Antônio. É assim que, para evitar a migração dos “seus” Tukuna para a Colômbia, tem sugerido às autoridades algumas soluções, como a de transferir o posto indígena Ticuna

para a foz do Içá onde, segundo ele, já resolveria muita coisa. Vou procurar me informar melhor sobre o assunto para saber o porquê da sugestão.

Aliás, fico um pouco constrangido em ver os inúmeros documentos que ele pôs à minha disposição, tão logo eu demonstrei interesse em saber sobre a história de Palmares, e culpado por minha desconfiança. Mas como não me sentir obrigado, não só pela obrigação do trabalho científico, mas também eticamente, a desvendar a conduta de um seringalista, dono de tanta terra e água e senhor de tantos índios.(...)

## **25-04-1959**

Chegamos na casa do João Grande, aliás na casa do seu genro, segundo nos disseram lá dentro. Estavam intensos os preparativos, os homens pintavam o curral, lugar cerimonial de resguardo da “moça nova”. Uma mulher, a irmã da moça nova, limpava o terreiro. A casa não pertencia ao pai da “moça nova”, mas a um parente cujo parentesco ainda não pude verificar. Provavelmente por sua casa ser pequena, teve que pedir emprestado.

Contudo, todos tomavam parte ativa nos preparativos, menos o velho João Grande que, sentado, limpando as unhas com um facão, tudo observava. Fiz o recenseamento de toda a parentela presente, inclusive de um cunhado do velho João Grande que, morador da cercania de Benjamim Constant, veio à festa para ajudar, segundo sua explicação.

A festa começaria lá pelas treze horas, com danças e recepção dos convidados, mas a dança dos mascarados só começaria amanhã às dez horas, para continuar por todo dia e noite adentro até a hora de tirar a menina do curral e submetê-la às demais exigências do ritual de liminaridade, tais como pintura, depilação, adornos plumísticos e etc. Decidimos, pois, retornar amanhã e lá permanecer até o fim da iniciação.

## **26-04-1959**

Estamos subindo o Solimões em direção à festa da “moça nova”. São oito horas, esperamos lá chegar dentro de duas horas no lanchão caldeirão.

Chegou o irmão do Zé Roberto, chamado “Ford”, nomes incríveis esses para quem está em plena Amazônia mas não de todo absurdo considerando que estamos no mundo da borracha e no passado a Ford deve ter feito aqui bons investimentos. Veio de São Paulo, onde esteve estudando em Sorocaba para ser tratorista na fazenda “Ipanema” de sua família.

Com ele subiu na lancha, vindo de Benjamim Constant, um velho remanescente da comissão de linhas estratégicas e telegráficas da época de Rondon, senhor Henrique Teles, um português que havia trabalhado com Rondon e sob as ordens do então coronel Nicolau Horta Barbosa, hoje general reformado e sogro de um irmão de meu sogro, morador de Copacabana, quase meu vizinho e com o qual tenho mantido longos papos, especialmente sobre sua participação na pacificação dos Nambiquara. Ele ficará feliz em saber que eu conheci um contemporâneo seu.

## **27-04-1959**

Hoje é o segundo dia da festa, então eu vou me reportar sobre o que observei na festa. A rigor se poderia dizer o terceiro dia, porque já no Sábado foram depiladas cerimonialmente duas crianças, uma menina de oito anos, irmã da moça nova, e um menino, um garotinho de dois anos filho do dono da casa e neto do João Grande. A menina foi pelada pela técnica do arrancamento de cabelos fio a fio. O menino teve o cabelo apenas cortado, embora chorasse muito, ao contrário da cunhatã, que derramava lágrimas de dor sem, contudo, gritar.

A experiência foi magnífica. Passamos dois dias praticamente sem sair da festa. Apenas a deixamos para dormir numa casa vizinha. Não vimos, é verdade, a dança do macaco-prego que foi lá pela meia-noite, fora disso vimos tudo. A dança dos mascarados visitantes, a entrada dos natiné, mascarados, trazendo

preso às costas um grande círculo de liber lindamente pintado, com cerca de metro e meio de diâmetro.

Isso ocorreu ontem quando a moça nova ainda estava no “curral”. Procedeu-se a tosa no menino e o arrancamento dos cabelos da irmã, cerimônia denominada Bëru. Ambos eram tratados cerimonialmente pelas tias paternas. Depois da depilação, todos saíram dançando com flautas de pã, buzinas, chocalhos, tambores, bastões cerimoniais e os iniciados. Enquanto isso ocorria os presentes consumiam uma grande quantidade de paiauarú, esse suco de macaxeira bastante fermentado. Isso durou até a noite.

Nesse íterim e antes da “moça nova” ocupar o cenário da cerimônia, foi tirada do curral e devidamente pintada e paramentada pelas tias paternas, portanto membros do mesmo clã e demais velhas, provavelmente do mesmo clã, devo conferir isso oportunamente. Ao fim da paramentação ela foi sendo acariciada com folhas de uma planta pelas mulheres ao seu redor como que submetendo-a a um rito de purificação. Em seguida, com um grito uníssono, atiraram os ramos de folhas para cima da cobertura da maloca. A moça retornou ao curral, de onde sairia à meia-noite, durante a dança fálica do macaco-prego.

## **29-04-1959**

Enfim encontramos o Calixto. Tanto falavam de seu temperamento esquisito que eu esperava encontrar grande dificuldade para conversar. É um homem dos seus sessenta anos, de olhos claros, como a confirmar a lenda de sua origem, filho de pai alemão, como, aliás, ele mesmo me declarou. Não consegui o curare, é verdade, pois há três meses Calixto se encontrava na casa do sogro e não tinha trazido nada consigo, nenhum dos apetrechos necessários à manufaturação.

Combinei entretanto para ele fazer e depois enviar o curare para Palmares, e de lá eles enviariam para o posto indígena Tukuna. Para tanto, prometi pagar bem. Porém, para garantir o curare e ampliar o herbário, já iniciado

quando estive com Davi Kuruba, outro especialista na confecção do veneno, decidimos alterar os planos.

Em lugar de seguir para o Tacana, íamos eu e o Zé Roberto para a casa do Davi Kuruba, levando-lhe as bacias requeridas para a produção do curare e disposição para, em sua maloca, permanecermos dois ou três dias, estimulando-o, para não dizer forçando-o, a fazer o veneno.

Enquanto isso, o Maurício voltaria para o posto indígena onde ficaria descansando e aguardando minha chegada que deverá ocorrer lá pelo dia três de maio, num domingo. Na comunidade de Mariaassu pretendo ficar mais uns vinte ou trinta dias estudando a organização social Tukuna, além de realizar um censo da população da reserva.

Ainda na maloca do sogro do Calixto, compramos uma grande máscara de umairu, usada na festa de furação das orelhas, e alguns bastões cerimoniais. A máscara está destinada ao museu Goeldi, conforme o compromisso com Eduardo Galvão em retribuição das miçangas que ele me deu para servir de brinde no escambo etnográfico. Estou certo de que a coleção Tükúna do museu se enriquecerá bastante com esta máscara de calota craniana descomunal.

## **01-05-1959**

Comemorar pela primeira vez um primeiro de maio em pleno trabalho. Pernoitamos na casa do Mariano Puí. A noite muito escura e os acidentes que poderiam ocorrer na subida do igarapé nos levaram a ficar na primeira maloca que oferecesse bom pouso. Como sempre os carapanãs estavam infernais. Tivemos de jantar batendo o tempo todo com uma das mãos no pescoço, no rosto e cabeça e mesmo afugentando-os da mão que nos permitia comer. Pela manhã a mesma coisa, repetindo a história da luta com os mosquitos. A chuva que caiu por toda a noite produziu uma enxurrada bastante forte, dificultando ainda mais a penosa navegação rumo às cabeceiras. (...)

Ocorre-me agora enquanto subimos o igarapé um tema de trabalho que poderia apresentar na Quarta Reunião Brasileira de Antropologia a realizar-se

em julho próximo em Curitiba. Parto já do título, claro que provisório, mas que contém o principal, isto é, a idéia que deve articular os fatos aqui observados: “O papel dos postos indígenas ou reservas indígenas no processo de assimilação: análise comparativa de duas tribos do Brasil”.

Seria o estudo da reserva indígena enquanto categoria sociológica, influenciando na assimilação dos grupos integrados como os Terêna e os Tukuna, porém pertencentes a áreas ecológicas distintas. Parece-me um assunto dotado de alguma relevância para um seminário de política indigenista que terá lugar na Reunião. (Uma das primeiras discussões sobre política indigenista em reuniões da ABA, em 1959 em Curitiba).

O que tenho visto até aqui entre os Tukuna parece indicar que realmente a situação de índio de reserva, ou aldeados em terra própria e índios dispersos em terras alheias, ou que lhes foram tiradas, mesmo quando não destribalizados, induz os descendentes mestiços, isto é, filhos de uniões interétnicas, a adotarem a identificação indígena para o primeiro caso e a repelí-la quando se trata do segundo caso.

Entre os Terêna, pelo menos, isto tende a ocorrer com os indivíduos destribalizados, urbanizados ou residentes em fazendas distribuídas em todas as reservas indígenas. Entre os Tukuna falta observar se fatos deste teor ocorrem em Mariaassu, no posto indígena Tukuna. (...)

Chegamos no porto do Davi Kuruba. Porto é uma forma de dizer porque a terra firme onde se localiza sua casa fica a mais de quinhentos metros do local onde paramos o batelão.

Como essa gente conhece o rio! Tanto agora como ontem à noite, viajando no escuro, a tripulação sabia perfeitamente onde estávamos e onde deveríamos parar. Se orientam com uma facilidade assombrosa, sobretudo o moleque Edmundo, nosso prático, um menino de doze anos. Ontem guiou o tempo todo, utilizando-se raras vezes de minha lanterna para iluminar o caminho. Para mim, pobre forasteiro, o rio oferece sempre a mesma paisagem. Em lugar de quarteirões que nos orientam nas zonas urbanas, aqui no igarapé funcionam as pontas ou curvas do rio.

Decepção: o Davi Kuruba não estava. (...)

### **25-05-1998**

Relendo o diário devo dizer que muitas outras dificuldades tivemos de vencer. Ficaria muito extenso relatá-las todas, reproduzindo trechos de um diário escrito ao sabor dos acontecimentos. Não apenas as diversas vezes que pressentimos o pior, como algum acidente com o batelão, inclusive a luta para conseguirmos desencilhá-lo ao voltarmos da fronteira com a Colômbia. (...)

Enfim posso dizer que terminamos por conseguir não só um bom herbário, posteriormente no Rio de Janeiro encaminhado burocraticamente ao Doutor Luís Emílio, como também conseguimos o curare igualmente destinado à divisão de botânica do Museu Nacional. A razão primeira da expedição do Alto Solimões havia sido concluída, faltava aquilo que mais me interessava: iniciar a etnografia dos Tukuna. (...)

## Diário fotográfico

A expedição chega à região da fronteira. Os pesquisadores fazem uma visita ao Posto indígena Ticuna do Serviço de Proteção aos Índios. Aí funcionava também a escola para alfabetização. À frente, próximo da entrada, José Roberto levando a câmara fotográfica de Maurício Vinhas de Queiroz, que caminha logo atrás.



Os pesquisadores conhecem os arredores. Vista de Letícia, cidade fronteiriça que faz divisa com Tabatinga.

Enquanto o lingüista americano permanece no Posto do SPI, Cardoso de Oliveira e Maurício de Queiroz adentram o Solimões rumo ao interior. Vista tomada do barco dos pesquisadores, cedido por um seringalista da região.



O barco já avançou bastante pelo Solimões. A frente da casa traz a inscrição "Porto Palmares". É, provavelmente, a entrada para a propriedade do seringalista Dom Antônio Roberto Aires de Almeida (pai de José Roberto da foto 1).



Os pesquisadores desembarcam para uma visita à casa do seringalista. Vista de uma das casas da propriedade.

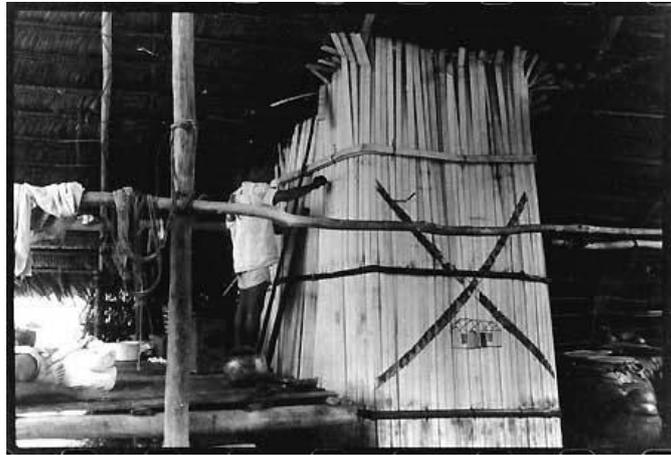


Dentro da casa do seringalista, Cardoso de Oliveira obtém uma pose familiar, Dom Antônio está à esquerda.



Chegada às proximidades do igarapé Belém, próximo de Palmares, Cardoso de Oliveira tira uma foto de Maurício de Queiroz e do filho do seringalista que conduziu o barco.

Cardoso de Oliveira fotografa os Ticuna em preparação do local de resguardo cerimonial da “moça nova”, pejorativamente chamado de “curral” pelos brasileiros da região.



Os pesquisadores vão até uma comunidade Ticuna num local chamado “Vera Cruz”, na casa de “João Grande” se defrontam com os preparativos para uma festa de “moça nova”.





No dia seguinte os pesquisadores voltam à Vera Cruz para assistir à festa de “moça nova” na qual serão iniciados duas crianças e uma adolescente. Cardoso de Oliveira fotografa uma das danças da festa.

Dança cerimonial da festa de “moça nova” vista mais de perto. Note-se o entrelaçamento das dançarinas e seus belos vestidos.



Outra cena da mesma situação anterior. A dança cerimonial prossegue.



Outra tomada da mesma dança agora vista sob outro ângulo. Cardoso de Oliveira circula em torno do cortejo.



Cardoso de Oliveira fotografa a chegada dos mascarados visitantes, outro acontecimento importante ainda no primeiro dia de festa.



Na medida em que os mascarados se aproximam do local da festa Cardoso de Oliveira faz suas tomadas fotográficas.



Os trajes e as máscaras representam determinadas entidades encantadas com atributos específicos.

Outro grupo de mascarados inicia sua apresentação. Cardoso de Oliveira acompanha a situação com sua câmera.



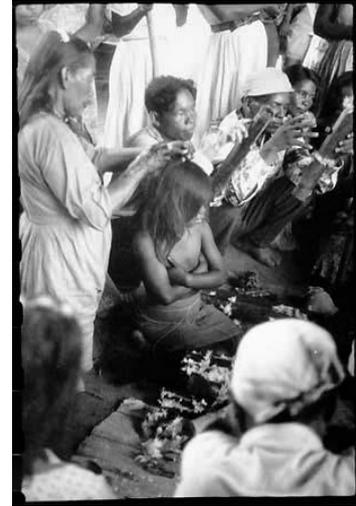
As máscaras são cuidadosamente preparadas vários dias antes da festa. Note-se a pintura facial na pessoa sem máscara. Durante a festa todos recebem a pintura facial, é um gesto simbólico que remete aos mitos da criação do mundo segundo os Ticuna.

Cardoso de Oliveira fotografa os mascarados “na’tiné” que chamam a atenção pela beleza e grandiosidade de sua fantasia.





A apresentação dos mesmos mascarados é fotografada mais uma vez pela lente de Cardoso de Oliveira, a festa continua.



Enfoque sobre a menina de oito anos submetida ao ritual de nomeação na mesma festa da “moça nova”.



Na mesma situação Cardoso de Oliveira circula e obtém esta tomada onde aparecem o menino de dois anos e a irmã (de costas, a mesma da foto 21) submetidos ao ritual de nomeação na festa da “moça nova”.

Aqui um enfoque da “Moça nova” após as cerimônias de paramentação, tudo preparado para o último dia. Ela não pode ainda, ver, sua posição é comparável à de uma borboleta num casulo.





O menino de dois anos que foi depilado é apresentado em outra parte da cerimônia iniciatória durante a mesma festa de “moça nova”.



O mesmo menino é visto agora acompanhado de suas tias, as plumas simbolizam aspectos sociais e sagrados da sociedade Ticuna.



Cardoso de Oliveira fotografa mais uma vez o menino, note-se a pintura facial (que remete às crenças Ticuna em torno da criação do mundo) nas mulheres que o acompanham.



Em seguida o pesquisador passa a fotografar a menina de oito anos que, também, está passando pelo ritual de nomeação



A mesma menina da fotografia anterior é fotografada novamente ao lado dos seus parentes.



Outra fotografia da menina iniciada, desta vez, Cardoso de Oliveira abaixou-se para conseguir um ângulo de tomada diferente dos anteriores.



Cardoso fotografa uma cena geral da festa no último dia, o fotógrafo que aparece é, provavelmente, Maurício Vinhas de Queiroz, companheiro da expedição.

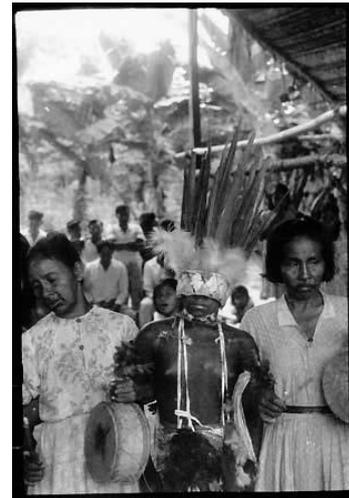
Aqui um enfoque nos momentos finais do ritual de iniciação da “moça nova”, note-se que sua paramentação lembra a paramentação da menina iniciada no ritual de nomeação (fotografias 27, 28 e 29)





Cardoso de Oliveira acompanha com sua câmera o cortejo cerimonial da “moça nova”.

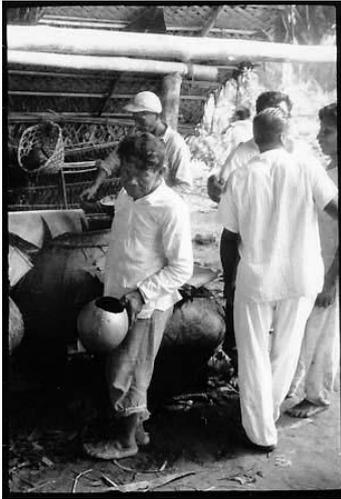
Outra tomada mais próxima da “moça nova” conduzida por suas parentes mulheres, em breve ela poderá retirar a paramentação e banhar-se no rio, atos simbólicos comparáveis ao momento em que a borboleta deixa o casulo para voar.



Outra cena do cortejo cerimonial conduzindo a “moça nova” numa das últimas danças cerimoniais antes do encerramento.

A tia paterna ou, talvez a mãe da “moça nova”, descansa numa rede próxima do recinto de reclusão (que está aberto, pois a iniciada já saiu definitivamente do resguardo). A menina de oito anos está ali também e os trajes cerimoniais pendurados impedem a sua visualização por inteiro. Outras pessoas também descansam ao fim de três dias de festa.





Cardoso de Oliveira fotografa o local onde a bebida paiauarú (fermentada da mandioca), armazenada em grandes troncos, é distribuída em cabaças durante a festa.



Após conhecer o Ticuna Calixto (também conhecido pelo etnólogo Curt Nimuendaju vinte anos antes), Cardoso de Oliveira segue com José Roberto subindo o igarapé “Caldeirão”, enquanto seu companheiro de expedição Maurício de Queiroz retorna descendo o Rio Tacana até o posto indígena Ticuna de onde partiram.



Outra cena da subida do Igarapé em busca da casa do Ticuna Davi Kuruba.



Os pesquisadores acabam por encontrar um grupo de policiais colombianos próximos da fronteira.



Outra cena tomada dos policiais colombianos no alto do igarapé. Eles posam ao lado do couro de um animal abatido.



Após a subida do igarapé a visão aberta proporcionada é fixada através da lente do antropólogo Cardoso de Oliveira.

Outra vista tomada do alto do igarapé mostrando a imensidão da floresta. Cardoso de Oliveira retorna, depois, até o posto indígena Ticuna de onde partiu com Maurício de Queiroz há dias atrás...



Pequeno mico-leão, batizado por Cardoso de Oliveira com o nome de “Leibniz”. Seus trinados lembraram-no (de quando era um estudante de lógica) um código. Nosso parecerista da FAPESP notou a semelhança deste macaquinho com a “Lucinda”, que acompanhava outro antropólogo, Lévi-Strauss, em suas viagens (ela também aparece em suas fotografias).

## Bibliografia básica

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O índio e o mundo dos brancos: a situação dos Tukuna do alto Solimões**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1964; São Paulo :Ed. Pioneira, 1972. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1981 ; Campinas : Ed. Unicamp, 1996 (Coleção Corpo e Alma do Brasil)

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. "Tukuna/ 1959. Excertos de um diário de campo", comunicação apresentada na abertura do Encontro de pesquisadores "Os Ticunas hoje: direções e perspectivas da pesquisa etnológica", de 25 a 27 de maio de 1998, no Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), sob coordenação de João Pacheco de Oliveira Filho. Promoção - Projeto "Universo Ticuna: território, saúde e meio ambiente" (FINEP/PPG-7).

GONZÁLES, Hugo A. Camacho (recopilador). **Nuestras caras de fiesta**; transcripción en Tikuna por Federico José Huaines-Arara. Colômbia: Ed. Tercer Mundo, 1996.

MENDONÇA, João Martinho de. **Os movimentos da imagem, da etnografia à reflexão antropológica. Experimentos a partir do acervo fotográfico do professor Roberto Cardoso de Oliveira**. Campinas: Unicamp, 2000. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas.

NIMUENDAJU, Curt. **The Tukuna**, Berkeley, Los Angeles: University of California, 1952. (Publications in American Archaeology and Ethnology, XLV)

SAMAIN, Etienne. "No fundo dos olhos: os futuros visuais da antropologia". In: PEIXOTO, Clarice, MONTE-MOR, Patrícia. (Eds.). **Imagens diversas**. Rio de Janeiro: PPCIS/UERJ/NAI, 1998. p. 141-158. (Cadernos de Antropologia e Imagem, 6)

SAMAIN, Etienne , MENDONÇA, João Martinho de. "Entre a escrita e a imagem: diálogos com Roberto Cardoso de Oliveira". **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, 2000. v. 43, n. 1, p. 185-246.